

ARTE E ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA: EXPERIÊNCIA DE RODA DE CONVERSA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Josué de Castro Lourinho - Unifesspa

Tatiane Souza Lopez - Unifesspa

Valéria M. C. de Melo (Coordenador do Projeto) - Unifesspa

Agência Financiadora da Bolsa: CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Programa de Ensino: PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência).

Resumo: As atividades aqui problematizadas fazem parte das ações do projeto de ensino intitulado “Entre os silêncios sobre a história indígena e a história das américas na Educação Básica: reflexões e proposições de estratégias pedagógicas em escolas de Marabá-PA. Esse projeto vem sendo desenvolvido na Escola Acy de Jesus Neves de Barros, situada no bairro Amapá e faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). As ações do projeto visam contribuir com a implementação da lei 11.645/08 que tornou obrigatório o ensino de história e cultura indígena nas escolas de educação básica do país.

Palavras-chave: Indígena; Arte; Saberes; História.

1. INTRODUÇÃO

O Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) constitui um programa que contribui para a formação profissional de estudantes dos anos iniciais de cursos presenciais de licenciaturas. As atividades engajam os graduandos em estágios em instituições de públicas de educação básica. A finalidade é estabelecer um vínculo antecipado entre os futuros mestres e as salas de aula do setor público. Através dessa iniciativa, o PIBID promove uma integração entre o ensino superior, as escolas e as administrações estaduais e municipais de educação.

O projeto de ensino em andamento na Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Acy Barros, na cidade de Marabá-PA, tem objetivo como principal analisar e propor conteúdos e metodologias de ensino que contribuam com a abordagem da temática indígena em sala de aula. A atividade aqui descrita faz parte de um conjunto de ações do projeto que visam atingir esse objetivo. Assim, no mês de abril, buscando ressignificar a comemoração do chamado “dia do índio”, buscou-se incorporar e pensar a questão indígena não apenas nos conteúdos que fazem parte do currículo estudado pelos dos alunos, mas também a partir de aspectos presentes no cotidiano. Neste sentido, os bolsistas do projeto ficaram encarregados de abordar diferentes temáticas, nas turmas de 6º ao 9º da escola em questão. A programação ficou dividida em dois momentos: uma roda de conversa em cada turma e um evento que reuniu todas as turmas num mesmo espaço. Para o 7º ano o tema escolhido para a roda de conversa foi “Arte Indígena”. Aqui discorreremos sobre como se deu a preparação e realização dessa roda de conversa. Decidiu-se ainda, que apesar de abordar temas diferentes, as rodas de conversa seriam orientadas também pela atenção aos “saberes das mulheres indígenas”, dando visibilidade, portanto, à atuação das mulheres indígenas em diferentes espaços.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

As temáticas escolhidas para as rodas de conversa foram: Literatura indígena, Arte indígena, Política indígena e Música indígena. A atividade ocorreu em dois momentos, primeiro houve uma roda de conversa, onde cada bolsista apresentou o material relacionado a um desses temas, para suas respectivas turmas. Depois, em outro momento, houve a junção de todos os temas em uma sala e os alunos puderam ter acesso a todas as temáticas. Na roda de conversa realizada na turma do 7º ano B foi trabalhado o tema "Arte Indígena". Para isso procuramos a princípio introduzir os alunos à reflexão sobre questões básicas, mas extremamente necessárias como: o que são os povos indígenas e a forma correta para se referir a eles. Para isso apresentou-se um breve vídeo do influenciador indígena Cristian Wariu, que prendeu bastante a atenção das crianças. No vídeo, contém uma boa explicação sobre a ressignificação do "dia do índio".

Ainda na roda de conversa, foi exposto aos alunos do 7º ano um pouco sobre o grafismo indígena. Procurou-se mostrar alguns de seus significados, suas representações, a importância para rituais e casamentos, como isso conecta comunidades indígenas com o meio ambiente. Apresentamos também cerâmicas e cestarias indígenas que são muito utilizadas tanto nas aldeias, como também são comercializadas. Procuramos discutir ainda aspectos relacionados a plumária e alguns de seus usos e significados. Tudo foi abordado de uma forma geral, pois a atividade contou apenas com o tempo de uma aula. Foram mostradas imagens dos grafismos, das plumárias, das cestarias, além do breve vídeo do influenciador.

Aproveitamos a oportunidade também para distribuir papezinhos aos alunos com os endereços virtuais de influenciadores indígenas que usam das redes sociais como uma ferramenta para expor trabalhos, falar de suas culturas e para outros fins. O objetivo foi oferecer aos estudantes referências que permitam a eles ouvir/ver os próprios indígenas falando sobre si e suas culturas, bem como pensar esses sujeitos no tempo presente.

É importante destacar que a problematização sobre o "dia do índio" e sobre o que é ser indígena feitas com os estudantes foi fundamentada também no que ensinam o escritor indígena Daniel Munduruku (2019) e o historiador Giovani José da Silva (2022) sobre o tema. Em relação ao conteúdo negativo do termo "Índio", Munduruku (2019) relata,

"vivia em uma aldeia onde ninguém me chamava por um apelido, esta palavrinha muito presente em nossa sociedade: índio. Lá eu tinha um nome, uma família, uma terra para viver e morrer, crenças, relações humanas. Eu tinha uma identidade. No entanto, quando eu fui para a cidade imediatamente ganhei essa palavra como apelido e perdi minha identidade... ou quase isso". (Munduruku, 2019, p. 6).

O autor Giovani da Silva, por sua vez, problematiza o dia 19 de abril e como a temática indígena tem sido abordada no ambiente escolar muitas vezes de forma estereotipada, chamando a atenção para a necessidade de desconstruções. O autor, propõe, neste sentido, uma "reinvenção" dessa data e faz uma excelente reflexão acerca do exotismo e a maneira que acontecem as comemorações, que não estão relacionadas aos povos indígenas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos principais resultados esperados era que os alunos compreendessem a presença indígena não como distante, mas como algo que apesar das diferenças, faz parte de nossa sociedade. Que pudessem perceber e não mais estranhar essa presença. Entender que os povos indígenas não estão apenas nas aldeias, mas também inseridos no cotidiano, nas redes sociais, em espaços públicos, etc. Outro objetivo foi despertar o interesse dos alunos em saber mais sobre a cultura desses povos e o entendimento que muitas coisas que hoje usamos vieram através deles.

Para além desses objetivos, como um dos melhores resultados obtivemos um bom engrandecimento para nossa formação enquanto graduandos de História e poder dividir isso com nossos colegas. Saber que os materiais que levamos (tanto os vídeos quanto o slide) somaram de forma positiva para a atividade.

Foi um longo processo, mas em cada pergunta feita pelos alunos a respeito da temática, como exemplo uma aluna perguntou se a tintura usada para obter a cor vermelha era tirada do urucum ou quando nos perguntaram a respeito do significado de determinado grafismo indígena. E também o olhar atento delas para

a explicação nos deu sensação de trabalho cumprido. Essas dúvidas e contribuições nos fizeram perceber que a aula foi bem passada, que puderam entender e tirar suas dúvidas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber o quão escasso é o conhecimento dos alunos a respeito dos povos indígenas e como a história e os contextos e a realidade vivenciadas por esses sujeitos no tempo presente parece estar muito distante. Nesse sentido. É possível perceber que o sistema educacional, e de maneira mais específica o ensino de história, falham em relação a incluir os povos originários como parte dos currículos, da história do país e conseqüentemente da sociedade. Acreditamos, portanto, que iniciativas como a do presente projeto e do PIBID, são fundamentais para contribuir com a melhor formação de professores e com o debate sobre o ensino da temática indígena de maneira geral.

A experiência foi enriquecedora e abriu nossos olhos para diversas questões. Tivemos total suporte, apoio e liberdade dos nossos tutores e responsáveis, professora Dr^a. Valéria Melo, professora Dr^a. Maria Clara e os professores Alex Sousa e Ewerton Corrêa e isso contribuiu grandemente para realização da atividade.

5. REFERÊNCIAS

MUNDURUKU, Daniel. "Posso ser quem você é sem deixar de ser quem eu sou: uma reflexão sobre o ser indígena". Educação em Rede, 2019, p. 38-54.

SILVA, G. J. da. O octogenário "Dia Do Índio": histórias e culturas indígenas em escolas brasileiras antes e depois da Lei N.º 11.645/ 2008. Revista Eletrônica História Em Reflexão, 2022, p. 82–101.